

The Importance of Reading and Writing in Early Childhood Education: First Steps Towards Literacy

Teobaldo da Silva Sobrinho¹

¹ Doutorando em Ciências da Educação Cristã. Christian College of Educaler. E-mail: teinho.20@gmail.com.

O presente estudo tem como objetivo discutir o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil, como estratégia preditora do processo de alfabetização. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em livros, artigos científicos e dispositivos normativos que tratam da leitura, da escrita, da Educação Infantil, da infância e da alfabetização. A coleta do material ocorreu por meio de busca em bases digitais, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO), e em repositórios de universidades, sendo selecionadas publicações disponíveis na íntegra, em língua portuguesa, inglesa ou espanhola, relacionadas ao objeto de estudo. A análise dos dados foi desenvolvida com base na Análise de Conteúdo, permitindo a organização dos achados em duas categorias temáticas: a leitura e a escrita como experiência espontânea; e o ensino de leitura e escrita na Educação Infantil. Os resultados indicam que as experiências de leitura e escrita, quando desenvolvidas de forma lúdica, intencional e contextualizada, favorecem a ampliação da linguagem oral, da imaginação, da compreensão simbólica, da escrita espontânea e da familiarização com práticas sociais de leitura e escrita. Conclui-se que a Educação Infantil exerce papel fundamental na construção de bases para a alfabetização, desde que o trabalho pedagógico respeite as especificidades da infância, os ritmos de aprendizagem das crianças e a mediação qualificada do professor.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Educação infantil. Criança. Alfabetização.

This study aims to discuss the development of reading and writing in Early Childhood Education as a predictive strategy for the literacy process. To this end, a qualitative, bibliographical approach was adopted, based on books, scientific articles, and normative instruments that address reading, writing, Early Childhood Education, childhood, and literacy. Data collection was carried out through searches in digital databases, such as the Scientific Electronic Library Online (SciELO), and in university repositories, selecting publications available in full, in Portuguese, English, or Spanish, related to the object of study. Data analysis was developed based on Content Analysis, allowing the organization of findings into two thematic categories: reading and writing as a spontaneous experience; and the teaching of reading and writing in Early Childhood Education. The results indicate that reading and writing experiences, when developed in a playful, intentional, and contextualized way, favor the expansion of oral language, imagination, symbolic understanding, spontaneous writing, and familiarization with social practices of reading and writing. It is concluded that early childhood education plays a fundamental role in building the foundations for literacy, provided that the pedagogical work respects the specificities of childhood, the learning rhythms of children, and the qualified mediation of the teacher.

Keywords: Reading. Writing. Early childhood education. Child. Literacy.

Na educação Infantil o contato com a linguagem escrita desempenha papel importante e essencial na formação do sujeito leitor, visto que desde o nascimento a criança já tem contato com a linguagem visual, musical e verbal no seu contexto familiar. Sabe-se que o processo de alfabetização se dá bem antes do ingresso da criança no âmbito escolar (Ferreiro, 1993).

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita (Ferreiro, 1993, p. 23).

Nessa perspectiva, entende-se que desde a Educação Infantil se inicia o processo de alfabetização e os professores precisam aprimorar suas práticas docentes, para atender essas crianças. Elas já chegam à escola sabendo para que serve a escrita. Além disso, os docentes também precisam estar preparados para aquela que ainda não estão familiarizados com a leitura. Assim o processo de aprendizagem das crianças deve ocorrer de forma lúdica, efetiva e integrada ao cotidiano, respeitando as etapas, ritmos e interesse de cada uma.

Logo, é possível enfatizar que a leitura e a escrita são dois pilares fundamentais no que diz respeito ao desenvolvimento da criança e seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, a leitura desperta o poder da imaginação, amplia o vocabulário, além de contribuir no desenvolvimento da capacidade de interpretação e interação com outras crianças. Ao ouvir a narração de uma história, a criança começa a entender as estruturas narrativas, sequência dos fatos e seus personagens; além disso, o desenvolvimento da escrita e o poder de concentração também são estimulados (Ferreiro, 1993).

É comum, nas salas de educação infantil, observarmos atividades de conversa, hora da novidade, contação de história, entre outras situações que buscam estimular o desenvolvimento da linguagem oral. Nesses momentos as crianças ampliam suas habilidades de uso da linguagem. Aprendem estruturar textos oralmente, a variar os modos de falar, a interagir. Aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo as perguntas que lhes são feitas (Brandão; Rosa, 2011, p. 21).

Considerando as várias contribuições da leitura para o desenvolvimento de uma criança no cotidiano da educação infantil, é de fundamental importância que o professor desenvolva estratégias diversificadas na sua prática docente. Logo, leitura e escrita têm papéis indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem, visto que a escrita também contribui para a criança compreender melhor a função dos símbolos, organizar ideias e expressar seus pensamentos.

A criança ingressa na escola, nas classes de alfabetização com saberes prévios, no reconhecimento de símbolos gráficos, sons e associações entre letras e sons, números e quantidade, devido a uma vivência familiar e no contexto da Educação Infantil. Assim, convém refletir a respeito destes saberes, questionado: qual a importância do desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil, para o processo de alfabetização?

Para responder este questionamento, a presente pesquisa desenvolve-se com o objetivo de discutir o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil, como estratégia preditora do processo de alfabetização.

A metodologia adotada neste estudo é punho qualitativo e baseia-se em pesquisa bibliográfica, cuja finalidade, segundo Lakatos e Marconi (2009, p. 43), “é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”.

Em consonância com os autores, a pesquisa bibliográfica é essencial em qualquer estudo científico, já que é ela que serve de embasamento ou fundamentação teórica para a descrição do assunto estudado (Lakatos; Marconi, 2009).

Para a coleta, foram utilizadas fontes diversas, tais como livros impressos e digitais, artigos científicos e dispositivos normativos. A busca dos dados em referências digitais ocorreu a partir do uso das palavras-chave “leitura”; “escrita”; “Educação Infantil”; “Criança” e “Alfabetização”, na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e em repositórios de Universidades.

Foram determinados como critérios de inclusão: publicações disponíveis na íntegra, em língua portuguesa, inglês ou espanhol, cujo conteúdo atendessem ao objetivo desta pesquisa. Foram excluídas as publicações duplicadas em mais de uma fonte de dados, além das que não abordavam o processo de ensino da leitura e da escrita no contexto da Educação Infantil.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, tendo como base a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011, p. 121), o que permitiu a realização das etapas pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. A pré-análise ocorreu a partir da leitura universal das fontes primárias, sendo feitas as exclusões. Em seguida os dados foram tratados de modo a categorizá-los, o que favoreceu a organização dos resultados e discussões, onde foram feitas as inferências e interpretação, de forma dialógica.

Os dados obtidos foram categorizados em 2 áreas temáticas: A leitura e a escrita como experiência espontânea; e O ensino de leitura e escrita na Educação Infantil. Tais áreas foram discutidas, a seguir de atender ao objetivo da pesquisa, tendo em vista identificar a importância de favorecer o desenvolvimento da leitura e da escrita ainda nos primeiros anos de experiência escolar, como essencial ao processo de alfabetização.

3.1 A LEITURA E A ESCRITA COMO EXPERIÊNCIA ESPONTÂNEA

Nos primeiros anos de vida, a criança estabelece relações com a leitura e com a escrita antes mesmo de dominar convencionalmente o sistema alfabético, pois está inserida em uma sociedade marcada pela presença constante de textos, símbolos, imagens, rótulos, placas, livros, telas e diferentes suportes de linguagem. Nesse sentido, a escrita não surge para a criança apenas como um conteúdo escolar, mas como prática social percebida nas interações familiares, escolares e comunitárias. Ao observar adultos lendo mensagens, anotando informações, consultando listas ou contando histórias, a criança começa a construir hipóteses sobre as funções da linguagem escrita. Por isso, a alfabetização não se inicia apenas no Ensino Fundamental, mas é antecedida por experiências de letramento que possibilitam à criança compreender que a escrita comunica, registra, nomeia e organiza sentidos (Ferreiro, 1993). Na Educação Infantil, essas vivências devem ocorrer de forma lúdica, significativa e integrada às brincadeiras, respeitando os ritmos e os interesses da infância (Braga; Pereira; Barbosa, 2025).

A leitura espontânea manifesta-se quando a criança, mesmo sem saber decodificar letras e palavras, atribui sentidos aos textos a partir de imagens, memórias, gestos, entonações e experiências anteriores com livros e histórias. Esse processo pode ser observado quando ela folheia um livro, imita a postura leitora do adulto, acompanha a direção das páginas, reconstrói oralmente uma narrativa conhecida ou “lê” pelas ilustrações. Trata-se de uma forma inicial de comportamento leitor, na qual a criança compreende que o livro possui uma sequência, que as imagens e as palavras se relacionam e que a leitura produz significados. Nas rodas de história, nas conversas sobre personagens e nos momentos de reconto, as crianças ampliam a linguagem oral, aprendem a estruturar narrativas, a escutar o outro e a responder ativamente às perguntas

feitas pelo professor (Brandão; Rosa, 2011). Assim, a leitura espontânea constitui uma experiência cultural e interativa que antecede a leitura convencional.

A escrita espontânea, por sua vez, refere-se às tentativas infantis de registrar ideias, nomes, falas, histórias e situações vividas, ainda que tais registros não correspondam à escrita convencional. Esses registros podem aparecer sob a forma de rabiscos, garatujas, desenhos, marcas gráficas, letras aleatórias, letras do próprio nome ou combinações que revelam hipóteses sobre como se escreve (Ferreiro; Teberosky, 1979). Nessa perspectiva, a criança não copia simplesmente sinais gráficos, mas investiga o funcionamento da escrita, buscando compreender o que ela representa e como pode ser utilizada para comunicar algo.

Ferreiro e Teberosky (1979) demonstraram que a criança elabora hipóteses sucessivas sobre a língua escrita, passando por níveis de compreensão que indicam formas distintas de pensar a relação entre fala e escrita. Portanto, a escrita espontânea deve ser compreendida como produção legítima da criança, e não como erro ou ausência de conhecimento.

No processo psicogenético da escrita, costuma-se identificar fases ou níveis que expressam a progressiva elaboração infantil sobre o sistema de escrita. No nível pré-silábico, a criança ainda não estabelece relação estável entre a escrita e os segmentos sonoros da fala; pode utilizar desenhos, traços, letras sem correspondência sonora ou acreditar que palavras maiores representam objetos maiores. No nível silábico, começa a supor que cada sílaba falada pode ser representada por uma marca gráfica, com ou sem valor sonoro convencional. No nível silábico-alfabético, passa a combinar momentos em que representa sílabas inteiras com momentos em que representa fonemas, revelando transição entre duas formas de compreensão. No nível alfabético, compreende de modo mais sistemático que a escrita representa os sons da fala, ainda que possa apresentar dificuldades ortográficas próprias do processo de aprendizagem (Ferreiro; Teberosky, 1979; Russo, 2012). Essas fases não devem ser tratadas como etapas rígidas, mas como hipóteses construídas pela criança em interação com práticas significativas de leitura e escrita.

Na Educação Infantil, a leitura e a escrita espontâneas tornam-se mais potentes quando aparecem em situações reais de uso, e não em exercícios mecânicos de repetição. Escrever o próprio nome em uma produção artística, elaborar uma lista de brinquedos, registrar uma receita culinária, produzir um bilhete coletivo para outra turma, “anotar” pedidos em uma brincadeira de restaurante ou criar placas para organizar os espaços da sala são exemplos de práticas que aproximam a criança da função social da escrita. Nessas situações, a criança percebe que se escreve para lembrar, comunicar, identificar, solicitar, brincar, narrar e organizar experiências. Morais, Silva e Nascimento (2020) destacam que a Educação Infantil pode favorecer a escrita espontânea de palavras e textos, a consciência fonológica e o conhecimento de letras, desde que isso não se confunda com

antecipação mecânica da alfabetização formal. Desse modo, alfabetizar e letrar, ainda que sejam processos distintos, devem ser compreendidos de forma articulada e contextualizada (Soares, 2003).

As brincadeiras de faz de conta constituem um espaço privilegiado para observar como a criança lê e escreve espontaneamente, pois nelas a linguagem aparece vinculada a papéis sociais, objetos simbólicos e situações imaginárias. Ao brincar de escola, consultório, mercado, biblioteca ou restaurante, as crianças simulam práticas sociais de leitura e escrita, como preencher receitas, ler cardápios, escrever nomes, fazer chamadas, consultar livros ou registrar compras. Wajskop (2025) denomina essas experiências de “brincadeira letrada”, especialmente quando os enredos infantis são enriquecidos pela leitura diária de livros literários e por ambientes que oferecem materiais escritos significativos. A criança, nesse contexto, não apenas reproduz comportamentos adultos, mas reelabora culturalmente aquilo que observa, transformando leitura e escrita em instrumentos de investigação e criação. Assim, a brincadeira não se opõe ao aprender; ao contrário, torna-se uma via fundamental para a apropriação da linguagem escrita (Wajskop, 2025).

Outro aspecto relevante é que a escrita espontânea se articula ao desenho, à oralidade e à imaginação, compondo um percurso de representação simbólica. Antes de escrever convencionalmente, a criança desenha, nomeia seus desenhos, narra o que produziu, atribui significado a marcas gráficas e solicita que o adulto leia aquilo que ela registrou. Esse movimento revela que a criança começa a perceber que a fala pode ser representada por marcas visíveis, ainda que inicialmente misture desenho e escrita em uma mesma produção. Wajskop (2025), apoiada em Vigotski (2021), ressalta que a criança pode descobrir progressivamente que é possível desenhar não apenas objetos, mas também a fala, o que evidencia a passagem de uma representação mais pictórica para formas iniciais de escrita. Assim, quando o professor valoriza essas produções, pergunta o que a criança escreveu e registra sua fala sem desqualificar sua hipótese, favorece a construção de uma relação positiva com a linguagem escrita.

Dessa forma, a leitura e a escrita como experiências espontâneas devem ser compreendidas como práticas essenciais na Educação Infantil, desde que respeitem o direito da criança à brincadeira, à imaginação, à participação e à expressão. De acordo com Rosenau (2012), o papel do professor não é antecipar de modo rígido a alfabetização formal, mas organizar ambientes letrados, oferecer livros de qualidade, promover rodas de conversa, estimular recontos, disponibilizar materiais de escrita e criar situações em que a criança deseje ler e escrever para atender a uma necessidade real ou simbólica. A intencionalidade pedagógica, nesse caso, consiste em observar as hipóteses infantis, propor desafios adequados e ampliar as experiências das crianças com a cultura escrita. Assim, Braga, Pereira e Barbosa (2025) ressaltam que a Educação Infantil contribui

para que a criança avance em sua compreensão sobre a leitura e a escrita de modo lúdico, afetivo e significativo, sem romper com as especificidades da primeira infância.

3.2 O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nos primeiros anos de vida, mesmo antes de aprender a escrever, a escrita espontânea é essencial para que a criança experimente a escrita e a linguagem de forma ativa. A esse respeito, Rosenau (2012, p. 98) afirma: “Destacamos a importância de o professor compreender como se dá o desenvolvimento da linguagem na criança, pois mediante essa compreensão é que poderá planejar situações intencionais de aprendizagem”. Em consonância com a autora, é de fundamental importância que o professor que trabalha na Educação Infantil, tenha conhecimento de como acontece o processo de desenvolvimento da criança em todas suas etapas, pois só assim, ele conseguirá planejar e desenvolver estratégias que contribuam para o aprendizado da criança.

Na educação infantil são inúmeras possibilidades que o professor tem de desenvolver a leitura e a escrita, respeitando cada etapa proposta para a idade cronológica dela, além disso é o professor o responsável em oferecer um ambiente rico em materiais, como livros, jogos de leitura e linguagens entre outras atividades significativas que contribuam para o processo de alfabetização. Com efeito, é o educador o responsável em criar e desenvolver estratégias que favoreçam para que a criança tenha acesso aos mais variados tipos de leitura e escrita, já que é na Educação Infantil que se dá o ponta pé no processo de alfabetização.

Assim, sendo o ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil deve ser compreendido como um processo de aproximação progressiva da criança com a cultura escrita, e não como antecipação rígida da alfabetização formal. Nessa etapa, o objetivo central não é exigir que a criança leia e escreva convencionalmente, mas garantir que ela participe de práticas sociais nas quais a leitura e a escrita tenham função, sentido e necessidade. A criança pequena aprende quando escuta histórias, manuseia livros, observa o professor escrevendo, reconhece seu nome, participa de rodas de conversa e percebe que os textos circulam em diferentes situações do cotidiano (Brasil, 1998; Brasil, 2018).

Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998) orienta que o trabalho com linguagem oral e escrita deve ocorrer por meio de situações comunicativas reais, nas quais a criança possa falar, ouvir, narrar, recontar, perguntar, explicar e participar de práticas de leitura e escrita mediadas pelo professor. Este Referencial destaca a importância de aproximar a criança de diferentes gêneros textuais, como histórias, bilhetes, listas, parlendas, poemas, receitas e registros coletivos, favorecendo



a compreensão de que a escrita possui usos sociais diversos. Desse modo, ensinar leitura e escrita na Educação Infantil significa criar condições para que a criança se torne usuária da linguagem, ainda que não domine plenamente o sistema alfabético.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) também reforça essa concepção ao inserir as experiências com a linguagem no campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, reconhecendo que a criança aprende por meio da participação, da expressão, da exploração e da interação. Ao propor direitos de aprendizagem como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, a BNCC indica que o ensino da leitura e da escrita deve estar articulado às experiências significativas da infância. Assim, práticas como ouvir histórias, produzir narrativas orais, levantar hipóteses sobre a escrita e realizar registros espontâneos devem ocorrer de modo integrado às brincadeiras e aos projetos pedagógicos.

O processo de ensino da leitura na Educação Infantil inicia-se, sobretudo, pela mediação do adulto leitor. Quando o professor lê diariamente para as crianças, apresenta diferentes livros, explora capa, título, imagens, personagens, sequência narrativa e sentidos do texto, ele ensina comportamentos leitores fundamentais. Conforme Brandão e Rosa (2011), a criança aprende que se lê da esquerda para a direita, que o livro possui início, desenvolvimento e fim, que as imagens ajudam a construir sentidos e que a leitura pode provocar prazer, curiosidade, emoção e conhecimento. Essas experiências são importantes porque favorecem a formação do leitor antes mesmo da decodificação autônoma das palavras.

Além da leitura literária, é necessário que a Educação Infantil ofereça contato com variados gêneros e suportes textuais, pois a criança precisa perceber que a escrita não está presente apenas nos livros de histórias. Listas de chamada, calendários, cartazes, combinados da turma, receitas, convites, placas, etiquetas, bilhetes e agendas são exemplos de textos que podem integrar a rotina escolar. De acordo com Soares (2003), ao observar o professor lendo um comunicado, escrevendo uma lista de materiais ou registrando uma fala coletiva, a criança compreende que a escrita serve para organizar, comunicar, lembrar, identificar e compartilhar informações.

O ensino da escrita, por sua vez, deve partir das hipóteses que a criança constrói sobre o sistema de representação gráfica. As produções infantis, mesmo quando compostas por rabiscos, garatujas, letras aleatórias ou combinações não convencionais, devem ser reconhecidas como tentativas legítimas de compreender a escrita. Ferreiro e Teberosky (1979) demonstraram que a criança pensa sobre a escrita e formula hipóteses antes de escrever alfabeticamente, passando por diferentes níveis de compreensão do sistema. Portanto, cabe ao professor observar essas produções, perguntar o que a criança escreveu, valorizar sua intenção comunicativa e propor desafios adequados ao seu desenvolvimento.



Entre as estratégias pedagógicas relevantes, destaca-se o trabalho com o nome próprio, pois ele constitui uma palavra estável, afetivamente significativa e socialmente funcional para a criança. Ao reconhecer seu nome no crachá, comparar as letras com os nomes dos colegas, identificar a letra inicial ou tentar registrá-lo em suas produções, a criança começa a perceber regularidades gráficas e sonoras. Esse trabalho não deve ser reduzido à cópia mecânica, mas explorado em situações de uso, como chamada, identificação de pertences, organização de produções e jogos de comparação (Morais; Silva; Nascimento, 2020).

Outra estratégia importante diz respeito ao desenvolvimento da consciência fonológica, compreendida como a capacidade de refletir sobre os sons da fala. Na Educação Infantil, essa habilidade pode ser estimulada por meio de parlendas, cantigas, poemas, jogos de rimas, aliterações, segmentação oral de palavras e brincadeiras com sons iniciais e finais. Todavia, é necessário cuidado para que tais atividades não se transformem em treino fonêmico artificial ou repetitivo. De acordo com Moraes, Silva e Nascimento (2020), o objetivo é favorecer, de maneira lúdica, que a criança perceba que as palavras podem ser comparadas, decompostas e reorganizadas sonoramente, o que contribui para a futura compreensão do princípio alfabético.

A produção de textos também pode e deve ocorrer na Educação Infantil, ainda que a criança não escreva convencionalmente. Uma estratégia significativa é o texto coletivo ditado ao professor, no qual as crianças narram uma experiência, recontam uma história, elaboram um bilhete ou registram uma receita, enquanto o docente atua como escriba (Brasil, 2018). Nessa situação, a criança percebe que aquilo que é falado pode ser transformado em texto escrito, compreende a função do planejamento textual e observa aspectos da organização da escrita.

De acordo com Wajskop (2025), as brincadeiras de faz de conta constituem outro caminho potente para o ensino da leitura e da escrita, pois permitem que as crianças simulem usos sociais da linguagem em contextos imaginários. Ao brincar de mercado, restaurante, consultório, escola ou biblioteca, a criança pode produzir listas, cardápios, receitas, bilhetes, placas, prontuários ou convites. Wajskop (2025) denomina essas experiências de brincadeiras letradas, especialmente quando os ambientes são enriquecidos com livros, papéis, lápis, cartazes e materiais escritos.

Entretanto, um dos principais desafios do ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil está em superar duas práticas igualmente problemáticas: a ausência quase total da linguagem escrita, sob o argumento de preservar a infância, e a antecipação escolarizante da alfabetização, marcada por cópias, treinos gráficos e repetição de sílabas. A primeira postura pode negar às crianças o direito de participar da cultura escrita; a segunda pode descaracterizar a Educação Infantil e produzir experiências mecânicas e sem sentido. O desafio

pedagógico consiste, portanto, em equilibrar o direito à infância com o direito de acesso à linguagem escrita (Baptista, 2010).

Nessa perspectiva, os conhecimentos construídos na Educação Infantil podem atuar como precursores importantes da alfabetização, desde que compreendidos como experiências de letramento e não como exigências de desempenho formal. O contato frequente com livros, a ampliação do vocabulário, a capacidade de narrar, escutar e recontar histórias, a familiaridade com letras, nomes e textos, bem como a percepção de rimas e sons, favorecem a entrada da criança no processo de alfabetização. Tais experiências não garantem, isoladamente, a alfabetização, mas criam bases linguísticas, cognitivas, afetivas e culturais para que ela ocorra de modo mais significativo nos anos seguintes (Soares, 2005).

Outro cuidado fundamental refere-se à avaliação das aprendizagens relacionadas à leitura e à escrita. Na Educação Infantil, avaliar não significa aplicar testes, classificar crianças ou exigir domínio convencional da leitura e da escrita, mas acompanhar processos, observar hipóteses, registrar avanços e planejar intervenções. O professor pode analisar como a criança manuseia livros, participa das rodas de leitura, reconhece seu nome, produz registros, formula perguntas e utiliza a escrita nas brincadeiras. Essa avaliação deve ter caráter diagnóstico e formativo, servindo para orientar o planejamento e respeitar os diferentes ritmos de desenvolvimento (Rosenau, 2012).

Também é necessário considerar que as crianças chegam à escola com experiências desiguais de contato com a cultura escrita. Algumas convivem com livros, histórias, celulares, revistas, placas e adultos leitores; outras têm menos oportunidades de acesso a materiais escritos. Por isso, a instituição de Educação Infantil exerce papel decisivo na democratização da leitura e da escrita, especialmente para crianças de contextos socialmente vulneráveis. Garantir acervos literários, espaços de leitura, mediação docente e práticas diversificadas é uma forma de ampliar repertórios e reduzir desigualdades educacionais desde os primeiros anos de escolarização (Braga; Pereira; Barbosa, 2025).

Os professores devem, ainda, cuidar para que o ensino da leitura e da escrita não se restrinja a atividades prontas, fichas, pontilhados ou exercícios de coordenação motora desvinculados de sentido. Embora o desenvolvimento motor seja importante, escrever não pode ser reduzido ao treino da mão, pois envolve linguagem, pensamento, simbolização, interação e compreensão social da escrita. Vigotski (2021) compreende a escrita como uma forma complexa de linguagem, que precisa ser significativa para a criança e surgir de necessidades comunicativas reais.

Cabe ao professor de Educação Infantil criar ambientes letrados, ler diariamente, propor recontos, registrar falas infantis, incentivar escritas espontâneas, explorar nomes, brincar com sons, oferecer diferentes

gêneros textuais e integrar a linguagem escrita às brincadeiras e aos projetos da turma. Quando conduzidas de forma lúdica, contextualizada e respeitosa, essas práticas constituem experiências essenciais para o desenvolvimento da criança e para sua futura alfabetização (Brasil, 1998; Brasil, 2018).

Diante das discussões desenvolvidas ao longo deste estudo, verificou-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que foi possível discutir o desenvolvimento da leitura e da escrita na Educação Infantil como estratégia preditora do processo de alfabetização. A análise evidenciou que a criança, antes mesmo de dominar convencionalmente o sistema alfabético, já estabelece relações com a cultura escrita, observa seus usos sociais, formula hipóteses sobre os textos e atribui sentidos a livros, imagens, símbolos, letras e registros presentes em seu cotidiano. Desse modo, a leitura e a escrita não devem ser vistas apenas como conteúdos escolares formais, mas como práticas sociais que começam a ser apropriadas desde os primeiros anos de vida.

A importância da leitura na Educação Infantil está relacionada à ampliação da linguagem oral, do vocabulário, da imaginação, da escuta, da atenção, da memória e da capacidade de narrar e interpretar experiências. Quando a criança participa de rodas de leitura, escuta histórias, observa ilustrações, reconta narrativas, comenta personagens e antecipa acontecimentos, ela desenvolve habilidades fundamentais para sua futura alfabetização. Essas experiências favorecem a compreensão de que os textos possuem sentido, sequência, intencionalidade e função comunicativa. Assim, a leitura literária e o contato com diferentes gêneros textuais contribuem para formar, desde cedo, uma criança mais familiarizada com a linguagem escrita e mais preparada para compreender o funcionamento da leitura convencional.

A escrita, por sua vez, exerce papel igualmente relevante no processo de preparação para a alfabetização, pois permite que a criança experimente formas de registrar ideias, nomes, falas, histórias e situações vividas. As garatujas, os desenhos acompanhados de explicações, as tentativas de escrita do próprio nome, as letras aleatórias e os registros espontâneos revelam que a criança pensa sobre o sistema de escrita e constrói hipóteses sobre sua organização. Tais produções não devem ser compreendidas como erros, mas como manifestações do processo de desenvolvimento da linguagem escrita. Ao valorizar essas tentativas, o professor contribui para que a criança compreenda progressivamente que a escrita representa significados e pode ser utilizada para comunicar, lembrar, identificar e organizar informações.

Nesse sentido, as experiências de leitura e escrita na Educação Infantil constituem bases importantes para a alfabetização, pois favorecem o desenvolvimento de competências linguísticas, cognitivas, simbólicas



e sociais necessárias à aprendizagem posterior da leitura e da escrita convencionais. O contato com livros, nomes, letras, sons, rimas, parlendas, listas, bilhetes, cartazes, receitas e textos coletivos contribui para a construção da consciência fonológica, da percepção visual das palavras, da compreensão das funções sociais da escrita e da familiaridade com diferentes portadores textuais. Portanto, a Educação Infantil não deve antecipar a alfabetização de forma mecânica, mas precisa garantir experiências significativas que preparem a criança para esse processo de maneira natural, lúdica e contextualizada.

Entre os desafios identificados pela pesquisa, destaca-se a necessidade de superar tanto a ausência de práticas de leitura e escrita nessa etapa quanto a antecipação inadequada da alfabetização formal. Ainda se observam propostas centradas em cópias, pontilhados, repetição de letras e sílabas, muitas vezes desvinculadas de situações reais de uso da linguagem. Por outro lado, também existe o receio de trabalhar com a escrita na Educação Infantil, como se qualquer aproximação com letras, nomes e textos representasse uma escolarização precoce. O desafio pedagógico consiste, em equilibrar o direito da criança à infância, à brincadeira e à imaginação com o direito de participar da cultura escrita desde cedo, conforme as especificidades de seu desenvolvimento.

Outro ponto relevante refere-se à atuação docente, pois o professor precisa compreender as fases do desenvolvimento infantil, as hipóteses de leitura e escrita elaboradas pelas crianças e as possibilidades de intervenção pedagógica adequadas à Educação Infantil. A mediação do professor é indispensável para organizar ambientes letrados, selecionar livros de qualidade, promover rodas de conversa, estimular recontos, valorizar escritas espontâneas e propor situações em que ler e escrever tenham função social. Dessa forma, o docente não antecipa conteúdos de maneira rígida, mas cria condições para que a criança explore a linguagem escrita em contextos de brincadeira, interação, curiosidade e construção de sentidos.

Conclui-se, portanto, que a leitura e a escrita são fundamentais na Educação Infantil porque introduzem a criança no universo da cultura escrita e contribuem diretamente para a constituição das bases da alfabetização. A alfabetização não se inicia apenas no Ensino Fundamental, mas é antecedida por múltiplas experiências de linguagem vivenciadas na família, na sociedade e na escola. Quando a Educação Infantil integra leitura, escrita, oralidade, brincadeira, literatura, imaginação e interação, ela favorece o desenvolvimento integral da criança e amplia suas possibilidades de sucesso no processo alfabetizador.

REFERÊNCIAS

ABNT. ABNT NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023a.





BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRAGA, D. S.; PEREIRA, A. P. P.; BARBOSA, R. C. B.. Leitura e escrita no currículo e nas práticas da Educação Infantil: um estudo de caso de Belo Horizonte (MG). **Educar em Revista**, v. 41, p. e93047, 2025.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. v. 3.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, Ana. **Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño**. México: Siglo XXI, 1979.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M de A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Alexsandro da; NASCIMENTO, Gabryella Silva do. Ensino da notação alfabética e práticas de leitura e escrita na educação infantil: uma análise das três versões da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, e250018, 2020

ROSENAU, Luciana dos Santos. **Diagnósticos do fazer docente na educação infantil**. Curitiba: Ibpex, 2012. Série Pesquisa e Prática Profissional em Pedagogia.

RUSSO, M. de. **Alfabetização: um processo em construção**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.





VIGOTSKI, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. Organização e tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

WAJSKOP, G. A investigação da leitura e da escrita em brincadeiras de faz de conta de crianças pequenas. **Espac. blanco, Ser. indagaciones**, Tandil, v. 35, n. 1, p. 4, jun. 2025. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1515-94852025000100004&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 12 maio

